

# ARMAS, PODER E POLÍTICA NAS INDÚSTRIAS EXTRACTIVAS:

Construindo o Poder  
Colectivo das Mulheres  
através do Apoio ao Trauma



## Agradecimentos e graças a:

### **Aos escritores que contribuíram:**

Tania Herbert,  
Shamim Meer,  
Winnet Shamuyarira,  
Samantha Hargreaves

### **O pessoal da CSU e da WoMin que nasceu e alimentou este importante processo:**

Miriam, Bertha, e Winnet, assim como Tania e Nicky, que trabalhavam para a CSU e WoMin na altura

### **O designer:**

Michèle Dean, pelo seu belo desenho e imagen



womin



# CONTENTS

---

**Introdução** 5

**Capítulo 1: O Programa de Apoio Colectivo ao Trauma** 7

*Contexto*

*Concebendo o programa*

*Introdução: A primeira sessão de cinco dias*

*Seguindo em frente: A segunda sessão de cinco dias*

*Indo além: A terceira sessão de cinco dias*

*Um passo à frente: histórias pós-seminário e o impacto da COVID-19*

**Capítulo 2: O que foi aprendido?** 25

*O que foi aprendido sobre Violência Contra as Mulheres na Mineração?*

*O que foi aprendido sobre as mulheres, a mineração e o trauma?*

*O que foi aprendido com o programa?*

**Capítulo 3: Algumas conclusões -  
o que gostaríamos que os outros soubessem** 33



**O objectivo do programa era apoiar  
as mulheres a lidar com os traumas  
vivenciados, quebrar os seus  
sentimentos de isolamento e construir  
um movimento capaz de agir pela  
justiça**



# INTRODUÇÃO

## EXTRACTIVES AND VIOLENCE AGAINST WOMEN

**Este relatório apresenta uma reflexão geral sobre o programa de apoio ao trauma desenvolvido por duas organizações, a WoMin African Alliance (WoMin) e a Counselling Services Unit (CSU) [Unidade de Serviços de Aconselhamento], que trabalharam com 18 mulheres de cinco comunidades afectadas pela violência de género decorrente da mineração no Zimbabwe. Este relatório conta a história do que aconteceu e do que as duas organizações aprenderam durante o processo. Espera-se que esta história inspire outras activistas e profissionais a agirem com e em prol das mulheres que foram afectadas de forma semelhante pela mineração ou outras actividades extractivas.**

O programa baseou-se na experiência anterior da CSU no trabalho sobre traumas de mulheres que sofreram violência sexual; e no entendimento da WoMin sobre a violência como intrínseca a um sistema económico explorador que lucra através da destruição da terra e da expropriação das comunidades, sendo as mulheres nessas comunidades quem carrega o fardo dessa violência.

As mulheres partilharam as suas próprias experiências de violência como mineiras ilegais, como membros de comunidades localizadas perto de minas ou como membros de comunidades deslocadas por empresas de mineração.

As agressões, perdas profundas e o tratamento cruel que viveram criaram sentimentos de medo, ansiedade, depressão e isolamento contínuo nas mulheres. Para a maioria das mulheres, havia uma aceitação de que esta situação é apenas a vida. Para muitas, havia pouco conhecimento acerca dos seus direitos.

O objectivo do programa era apoiar as mulheres a lidar com os traumas vivenciados, quebrar os seus sentimentos de isolamento e construir um movimento capaz de agir pela justiça. O processo foi baseado em princípios de confiança, segurança e compromisso com a acção colectiva. Os pontos fortes das duas organizações foram alavancados através de uma abordagem informada sobre o trauma assim como uma abordagem ecofeminista. O programa incluiu cuidados médicos e psicológicos, aconselhamento, terapia artesanal e ocupacional, aumento da conscientização sobre os direitos e a criação de grupos de apoio de pares.

O Capítulo 1 deste documento apresenta o contexto do programa, como foi estruturado e o que aconteceu em cada uma das três sessões de cinco dias. O Capítulo 2 expõe o que foi aprendido sobre a violência contra as mulheres na mineração e o que se aprendeu sobre um programa colectivo de apoio ao trauma que estabeleceu ligações entre o lado pessoal e a lado político da mineração. O Capítulo 3 oferece alguns comentários finais no sentido de informar as activistas e as organizações que desejem ampliar este trabalho.

**Muitas vezes as mulheres não conseguiram revelar o que havia acontecido com elas até anos depois, e muitas sofreram isolamento, estigma e impactos crônicos na sua saúde física e mental**



# CAPÍTULO 1:

## O Programa de Apoio Colectivo ao Trauma

### Contexto

**A relação entre a WoMin e a CSU foi forjada em 2018 e floresceu em 2019, numa parceria que visava apoiar mulheres provenientes de cinco zonas mineiras que foram brutalizadas e agredidas sexualmente por militares e polícias do Zimbabwe.**

Cada organização trouxe para esta parceria os seus pontos fortes específicos. A WoMin trouxe a sua experiência de trabalho com mulheres e as indústrias extractivas em toda a África a partir de uma perspectiva ecofeminista. A CSU trouxe a sua experiência no cuidado e na reabilitação de pessoas que sofrem violência estatal, abusos de direitos e maus-tratos pela indústria de mineração controlada pelo Estado.

As duas organizações estabeleceram uma relação de trabalho quando a CSU se juntou a outras organizações Zimbabueanas no grupo de trabalho que supervisionava a pesquisa iniciada pela WoMin sobre a violência contra as mulheres no contexto da mineração. Esta iniciativa fez parte de um projecto de pesquisa de três países liderado pela WoMin, sendo os outros dois países Moçambique e Serra Leoa.<sup>1</sup>

A WoMin e os seus parceiros pretendiam que esta pesquisa, que seria seguida por uma pesquisa participativa com mulheres em comunidades afectadas, informasse litígios ou campanhas para que as mulheres tivessem justiça pela violência e abusos de direitos humanos que sofreram. No entanto, o trabalho em andamento com mulheres afectadas por indústrias extractivas em todo o continente revelou o trauma considerável que elas enfrentavam, sendo a maioria das mulheres silenciadas pelo risco de vitimização por parte dos membros das suas famílias, comunidades e do Estado. A necessidade urgente de aconselhamento e tratamento de trauma, antes mesmo que as formas de reparação pudessem ser consideradas, levou à formação da parceria entre a CSU e a WoMin. O foco desta parceria foi desenvolver um modelo feminista colectivo para o tratamento do trauma.

A WoMin trouxe para esta parceria a sua compreensão da violência como intrínseca a um sistema económico extractivista dentro do qual a mineração e outras indústrias extractivas operam. Este sistema destrói a natureza, explora a força laboral, perturba os meios de subsistência e as relações sociais que asseguram a sobrevivência. A combinação tóxica do poder das corporações e da cumplicidade dos Estados e das elites nacionais dentro deste sistema económico extractivista, desencadeia a violência contra as comunidades que ataca os

---

<sup>1</sup> WoMin worked in Zimbabwe with the Centre for Natural Resource Governance (CNRG), in Mozambique with *Justicia Ambiental*, and in Sierra Leone with *Women and Mining (WOME)* and *Network Movement for Justice and Development (NMJD)*. The three feminist political economy research papers and guides for activists were concluded and launched regionally online in September 2020.

corpos das mulheres sob a forma de violência e, em particular, a violência sexual.

A análise ecofeminista da WoMin evidenciou que tanto as mulheres quanto a Natureza são quem arca com os custos externalizados de um sistema económico extractivista. Os custos para a natureza incluem a poluição, a destruição de grandes extensões de terra, florestas e corpos de água, a perda crescente de biodiversidade e a crise climática. As mulheres, pelo seu papel na reprodução social, são as que limpam os ecossistemas poluídos, caminham cada vez mais para atender às necessidades de água, saúde e energia das suas famílias e, devido a uma maior proximidade, adoecem ao encontrar as toxicidades e venenos. O sistema está estruturado de forma que as corporações paguem pouco ou nenhum desses custos sociais, económicos e políticos às mulheres, às suas comunidades, à natureza e ao planeta.

A CSU trouxe a sua experiência de trabalho com trauma. Ao longo dos anos, durante a prestação de serviços a vítimas de violência organizada e tortura, tornou-se evidente para a CSU que várias mulheres haviam sofrido agressões sexuais como acto de violência política por parte das forças de segurança do Estado ou apoiantes de partidos políticos. Muitas vezes as mulheres não conseguiam revelar o que havia acontecido com elas até anos depois, e muitas sofreram isolamento, estigma e impactos crónicos na sua saúde física e mental. Para atender a essa categoria específica de vítimas, a CSU desenvolveu e implementou um programa de terapia para sobreviventes de violência sexual (SOSA) identificadas durante os processos de aconselhamento.

A equipa de aconselhamento da CSU implementou o programa SOSA durante 11 anos. Nos anos anteriores à sua parceria com a WoMin, a CSU envolveu-se na assistência das mulheres que foram agredidas e confrontadas com outros abusos cometidos por soldados, polícia e segurança privada na zona de mineração de diamantes de Chiadzwa. Esse trabalho levou a CSU a entender que, para além do conjunto complexo de necessidades físicas, psicológicas e sociais de todos os sobreviventes de tortura, as mulheres que foram abusadas sexualmente enfrentaram estigma adicional na família, na comunidade e na sociedade.

O programa SOSA vem sendo moldado ao longo do tempo, principalmente pelas próprias mulheres participantes. O programa desenvolveu um entendimento sobre:

- A necessidade de desenvolver confiança ao longo do tempo; as complexas respostas da família e da comunidade às vítimas de agressão sexual, incluindo a perda de redes de apoio social e familiar;
- O impacto na segurança e protecção actual e futura;
- Os contínuos impactos na saúde física e mental, muitos dos quais nunca foram prestados os devidos cuidados após as agressões;
- As dificuldades de compreensão e acesso às informações sobre direitos e processos judiciais;
- O impacto nos meios de subsistência;
- O impacto do estigma e da culpabilização das vítimas, que afectam todas as áreas da vida.





## Concebendo o programa

**Trabalhando em parceria, a WoMin e a CSU iniciaram o processo de moldar um programa cujo objectivo geral era desenvolver as capacidades das mulheres afectadas por violência sexual e outras formas de violência associadas à mineração, de alcançar a sua cura a longo prazo a nível pessoal, comunitário e familiar.**

Os objectivos do programa eram os seguintes:

- Reunir as mulheres num espaço seguro;
- Compreender o impacto da mineração na segurança, direitos, meios de subsistência, saúde e meio ambiente das mulheres dentro de áreas de mineração específicas no Zimbabwe - e usar essas informações para moldar uma resposta impulsionada pelo feminismo;
- Oferecer o apoio necessário aos clientes e restaurar habilidades lesadas;
- Ajudar as mulheres a construir estratégias de sobrevivência e resiliência para si mesmas, para as suas famílias e comunidades;
- Estabelecer apoio de pares e conectar as mulheres com parceiros que possam oferecer apoio para uma série de necessidades, incluindo a necessidade de geração de renda;
- Desenvolver acções lideradas por mulheres para desafiar os impactos da mineração;
- Elaborar recomendações para futuras intervenções.



Com base nos sucessos do programa SOSA, o projecto reuniu mulheres em três ocasiões, cada uma por cinco dias, com aproximadamente um mês de intervalo. Os principais componentes de cada uma das três sessões de cinco dias foram:

- Avaliações (psicológicas e médicas);
- Sessões de terapia: individual, em grupo e terapia artesanal e ocupacional;
- Sessões de seminários sobre as necessidades psicológicas, médicas e legais conduzidas por palestrantes da CSU;
- Uma sessão sobre planeamento de riscos e habilidades para segurança pessoal;
- Sessões de seminários conduzidas por palestrantes externos, com base em áreas identificadas pelas participantes;
- Desenvolvimento e promoção de grupos de pares, incluindo o desenvolvimento de projectos de meios de subsistência.

Foi concebido um processo colectivo para que as mulheres fossem apoiadas para se unirem na construção da sua compreensão, para trabalharem nos processos juntas e para responderem colectivamente. A etapa seguinte, após a concepção, foi identificar as mulheres que passaram por traumas devido a repressão e a violência perpetrada pelo sector de mineração. A rede de vítimas e voluntários da CSU em todo o país identificou dezoito mulheres em cinco locais diferentes, cada uma com os seus próprios desafios relacionados à mineração. As comunidades mineiras de onde as mulheres vieram incluem áreas de mineração de diamantes, ouro e granito. Algumas das mulheres seleccionadas para participar deste programa haviam trabalhado como garimpeiras ilegais, algumas eram residentes em comunidades próximas às minas e algumas eram membros de comunidades realocadas para dar espaço à mineração.





## Introdução: A primeira sessão de cinco dias

As mulheres reuniram-se na capital, Harare, uma área centralizada com acesso a uma variedade de instalações médicas e de apoio.

Na primeira sessão, as expectativas das mulheres eram amplas e inespecíficas: aprender, ter poder (empoderar-se), receber aconselhamento, ter paz e saber o que fazer em relação aos desafios. As mulheres realmente não sabiam exactamente o que esperar, ou o que exigir do programa.

### Avaliações, trabalhos manuais e preparação para a semana

No primeiro dia, as conselheiras reuniram-se com cada mulher individualmente para ouvir as suas narrativas e fazer avaliações<sup>2</sup>. Este processo pode ser oneroso, emocional e demorado, tanto para as conselheiras quanto para as avaliadas. Para diminuir a intensidade, as actividades artesanais foram realizadas simultaneamente ao longo do dia pela terapeuta artesanal. As mulheres fizeram brincos e pulseiras de missangas. Cada mulher passou desta actividade para a sua avaliação individual e voltou a ela assim que a avaliação foi concluída. Esta actividade simples foi relaxante, permitiu a expressão criativa e foi acompanhada por uma discussão orientada sobre experiências comuns.

Isto criou a oportunidade de conexão social a volta de uma actividade prazerosa durante a avaliação, muitas vezes stressante, ao mesmo tempo em que construía habilidades práticas e tangíveis. As mulheres começaram a conhecer umas as outras e a partilhar a um nível confortável para elas.

O grupo foi depois reunido numa roda para falar sobre o resto da semana e sobre o programa como um todo. As mulheres expressaram cautelosamente as suas preocupações - que a CSU possa violar a confidencialidade, que haja câmaras de CFTV nas instalações da CSU e que participar ou divulgar informações comprometa a sua segurança. Ficou claro para as conselheiras que criar confiança era fundamental.

***“... não cooperaram na primeira sessão, não se sentiam em casa e pensavam que fossemos influenciadas pelo governo. Foi muito difícil para elas e foi assim que percebemos que estavam traumatizadas.”***

**Citação de uma conselheira**

<sup>2</sup> The assessments are part of the process of establishing a basic understanding of the emotional and social circumstances of each of the participants. These were critical in helping shape the programme for the first week. The assessments were deepened over the life of the programme and continued to shape the interventions and processes put in place.

A equipa de aconselhamento informou às mulheres sobre o trabalho da CSU, compartilhando que a organização trabalha com pessoas que sofreram tortura e violência organizada. Dentro do grupo estavam duas mulheres que já haviam participado nos serviços da CSU para atendimento a lesões e atestaram a veracidade das informações partilhadas pelas conselheiras.

### **Partilha de experiências e apresentações**

Lentamente, ao longo da primeira semana, as mulheres tiveram a oportunidade de falar sobre as suas experiências. As mulheres começaram a sentir-se à vontade para falar sobre outros assuntos, para além do que as forças de segurança e as empresas de mineração haviam feito com elas e com as suas comunidades. As conversas sobre esses muitos impactos foram auxiliadas por apresentações com as quais as mulheres puderam identificar-se de diferentes modos:

- Uma apresentação sobre segurança pessoal, acompanhada de um livreto no idioma local, forneceu informações básicas sobre formas de aumentar a segurança pessoal e familiar no ambiente rural.
- Uma apresentação de uma oficial de justiça introduziu às mulheres aos direitos de um titular de uma licença de mineração e aos direitos das pessoas afectadas pelas actividades de mineração.
- Uma médica falou sobre o stress, os impactos físicos do stress e como lidar melhor com isso. Também fez avaliações individuais e ofereceu tratamento quando necessário.
- Uma sessão sobre luto e perda ajudou aquelas que estavam a lidar com múltiplas perdas.

### **Grupos de Apoio de Pares**

Foram formados quatro grupos de apoio de pares, com base no local onde as mulheres viviam, como uma forma de as mulheres se apoiarem entre as sessões e depois do program. As mulheres desenvolveram as suas próprias estruturas de grupo, acordos e planos para actividades colectivas para melhorar os seus meios de subsistência, com base nas suas habilidades e recursos. As actividades planeadas incluíam cultivo e venda de vegetais, revenda de peixe e ovos, criação de galinhas e porcos, abertura de um salão de cabeleireiro, venda de gás e tornar-se credoras de dinheiro.

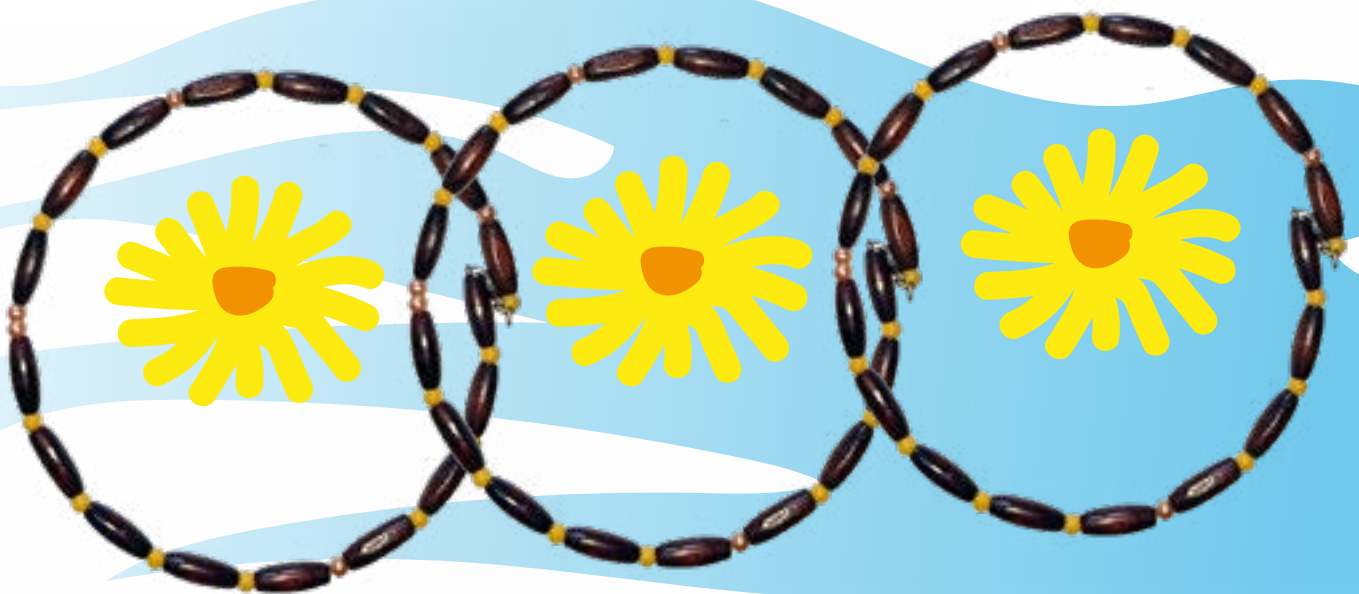
As conselheiras não influenciaram a selecção das actividades de geração de renda, nem encorajaram ou desencorajaram o envolvimento das mulheres na mineração. No entanto, estava claro para as conselheiras que havia falta de actividades económicas viáveis e que as mulheres que se dedicavam à perigosa mineração o faziam por puro desespero, não porque esse fosse o seu meio de vida escolhido.

## Ouvir, responder e compreender o apoio de que as mulheres precisavam

Ao longo dos cinco dias, a equipa tentou estar atenta aos desejos e necessidades das mulheres, trabalhando com o pessoal do local do evento para resolver as reclamações e fazendo alterações no programa quando necessário. As conselheiras também puderam falar sobre a sua própria condição como mulheres Zimbabueanas.

As informações que as mulheres partilharam ajudaram a moldar o programa contínuo. As conselheiras ficaram surpresas com a falta de conhecimento das mulheres e com o nível de conhecimento simplesmente inadequado das mulheres. As mulheres que se dedicavam à mineração sabiam que não tinham permissão para transgredir, mas também tinham a crença equivocada de que, por estarem envolvidas em algo ilegal, não tinham nenhum direito. Com esse entendimento, as mulheres acreditavam que mereciam ser violadas e que não tinham o direito de protestar quando eram detidas ilegalmente. As mulheres que perderam as suas casas não acreditavam que tivessem o direito de contestar o que lhes havia acontecido.

As conselheiras tiveram que fazer uma grande mudança no seu entendimento para atender às necessidades deste grupo de mulheres. Elas eram diferentes das mulheres sobreviventes de violência sexual com quem as conselheiras tiveram experiências anteriores. Este grupo apresentou cinco ou seis traumas diferentes relacionados aos impactos sociais, económicos, ambientais e outros impactos violentos da mineração. Estas questões não eram necessariamente partilhadas por todas as membros do grupo. Somado a esse desafio, as mulheres evidenciaram sintomas psicológicos graves, com dois terços das mulheres apresentando pontuações na faixa clinicamente significativa. Como uma conselheira expressou, “Foi um daqueles momentos em que te sentes desesperada”.





## Seguindo em frente: A segunda sessão de cinco dias

Empolgadas, confortáveis e prontas para aprender foram os sentimentos que as mulheres partilharam quando chegaram para a segunda sessão de cinco dias. A confiança construída na primeira sessão foi mantida, principalmente porque não houve consequências adversas para as mulheres quando voltaram para casa. Nenhum dos seus medos da sessão inicial foi justificado. Pelo contrário, as mulheres relataram mudanças positivas nas suas vidas.

As conselheiras também estavam mais confiantes no conceito do seu programa para a segunda sessão de cinco dias:

*“Depois de conhecer as suas experiências, pudemos fazer a segunda sessão de forma personalizada. Informou-nos sobre o que incluir na segunda sessão: os aspectos legais, as questões de segurança, a médica. Na segunda sessão, sentimos que estávamos a acertar em cheio.”*



As mulheres foram mais específicas sobre as suas expectativas e aliaram-nas ao seu aprendizado anterior ou a lacunas no programa. Elas esperavam mais conhecimento e informação sobre direitos e queriam que as informações fossem aplicáveis na prática e que levassem a oportunidades de geração de emprego e de renda. Elas esperavam que o programa criasse oportunidades para desafiar a presença de empresas de mineração. Elas também identificaram a necessidade de o programa sustentar os seus meios de subsistência, que foram afectados pela sua ausência das suas casas durante as sessões de uma semana.

As avaliações de revisão nesta segunda sessão mostraram que um terço das mulheres tinha níveis de sofrimento clinicamente significativos - um número menor do que na primeira sessão, quando dois terços das mulheres tinham níveis de sofrimento clinicamente significativos.

No entanto, embora as atitudes tenham mudado muito, ainda havia algum medo, incluindo o medo de encontrar facilitadores externos que não tinham estado presentes na primeira sessão. Também havia empatia - umas com as outras e com a CSU - com as mulheres a expressarem aflição de que a CSU pudesse ser perseguida por estar a ajudar as mulheres.

As mulheres ainda se recordavam de muito do que aprenderam na primeira sessão sobre a sua situação legal e conhecimentos médicos, e o que aprenderam com a equipa de aconselhamento. Mais importante, elas foram capazes de aplicar esse conhecimento às suas próprias situações. As mulheres falaram das estratégias que aprenderam na sessão de luto e perda e como estavam a usar estas estratégias para ajudá-las a controlar ou a lidar com o trauma.

### Progresso com grupos de apoio de pares

Conforme as mulheres relataram nos quatro grupos de apoio, o impacto mais amplo do programa tornou-se evidente. Embora o período de um mês entre as duas sessões não tenha sido longo o suficiente para permitir um progresso significativo na geração de renda, foram obtidos pequenos ganhos financeiros, o que possibilitou um sentimento de esperança para um maior desenvolvimento.

Um grupo tinha adicionado sete mulheres e um homem (que havia passado por um trauma profundo) ao seu grupo para trabalhar nos desafios de transportar água para suas hortas. Este grupo relatou que estava a ajudar uma membro cuja família havia morrido num acidente e que trabalhar na horta do grupo foi útil para esta membro a medida que ela lidava com a sua perda. O grupo também relatou que com a renda da sua horta puderam comprar medicamentos para uma membro que adoeceu.

Um segundo grupo havia iniciado com sucesso um pequeno projecto de galinhas e estava satisfeito com seu plano futuro de vender aves aos mineiros.

Um terceiro grupo partilhou que o seu salão de beleza estava a funcionar, mas os ganhos financeiros eram pequenos. As integrantes do grupo foram diversificando as suas competências, algumas buscando clientes e produtos e outras optando por trabalhar como cabeleireira. As membros do grupo aprenderam a se “embelezar” e isso ajudou a sua autoestima.

Outros projectos foram ambiciosos demais e dependiam de capital que não estava disponível e, portanto, não foram bem-sucedidos.

## Apresentações sobre direitos, saúde e agressão sexual

**Com base nas solicitações e recomendações das mulheres, facilitadores externos apresentaram sobre direitos humanos, leis, saúde e agressão sexual. As conselheiras e a equipa jurídica da CSU estiveram presentes em todas as sessões para dar continuidade e esclarecer quaisquer dúvidas por parte das mulheres.**

A unidade jurídica da Comissão de Direitos Humanos do Zimbabwe fez uma apresentação sobre os direitos consagrados na constituição, nas leis e em outros recursos aos quais as mulheres poderiam recorrer. Uma organização que trabalha nas intersecções entre a lei e o meio ambiente apresentou procedimentos legais após o reassentamento, procedimentos para se tornar um mineiro legal, a lei sobre impactos ambientais e o que as comunidades podem fazer para assegurar que os seus direitos sejam respeitados. Isso deu às mulheres uma base para tomar decisões informadas e empoderou-as para considerar possíveis acções. As mulheres envolvidas ou interessadas na mineração reconheceram que não seriam capazes de prosseguir com a mineração devido aos processos complexos, ao desembolso financeiro necessário e ao preconceito de género embutido nos processos. Essa percepção aumentou o seu interesse por meios de subsistência alternativos.

A médica da CSU fez uma apresentação sobre as condições de saúde comuns e uma apresentadora externa da Clínica para Adultos vítimas de Estupro falou sobre agressão sexual. Essas apresentações aumentaram a conscientização e incentivaram as mulheres a exporem-se para buscar atendimento e lidar com os seus sentimentos de *autoculpabilização* e estigma.



## Partilha aberta sobre traumas e reflexão sobre a resiliência

During the first session, when the assessments had been conducted, trust was still being  
Durante a primeira sessão, quando as avaliações foram realizadas, a confiança ainda estava a ser desenvolvida e as mulheres haviam retido informações. Durante a segunda sessão, houve um desenvolvimento da relação de confiança e as mulheres fizeram revelações sobre as

situações traumáticas e de saúde que não haviam divulgado anteriormente. As mulheres fizeram grandes revelações - de agressão sexual, tragédia familiar e traumas individuais. Estes foram partilhados abertamente em grupos, muitas vezes com muita emoção, e sempre com grande apoio umas pelas outras. As mulheres falaram sobre quando se sentiram em maior risco de serem agredidas. Alguns riscos baseavam-se em atributos pessoais, como ser mãe solteira, viver em locais isolados ou ser pobre, ou ainda possuir bens de valor passíveis de ser confiscados ou roubados. Outros riscos foram aqueles vividos durante o envolvimento em actividades, como viajar para longe de casa ou voltar do trabalho tarde.

Após a discussão sobre riscos e actos de violência sexual, uma sessão sobre resiliência orientou as mulheres a identificar os seus desafios de vida mais difíceis e explorar os seus meios de sobrevivência. Os desafios que este grupo enfrentou vão desde a morte traumática de um cónjuge à contínuas dificuldades financeiras. As participantes partilharam como conseguiram levantar-se após enfrentar situações difíceis. Elas identificaram os mecanismos de sobrevivência que já estavam a usar e sobre os quais poderiam basear-se. O apoio social de amigos e familiares foi considerado importante. Elas identificaram as pessoas de apoio formal e informal das quais poderiam depender. E elas decidiram que aceitariam menos opiniões de pessoas ou grupos que não as apoiavam. As mulheres sentiram que a religião, o reenquadramento dos problemas e o foco nos seus entes queridos eram recursos essenciais disponíveis para ajudá-las a enfrentar os seus traumas.

O ânimo no final da segunda sessão era muito diferente do da primeira. As mulheres foram mais abertas e capazes de expressar com mais clareza o que estava a faltar nos seminários. Elas expressaram a necessidade de apoio financeiro ou com alimentos para poderem comparecer nestas sessões; a necessidade de opções de subsistência viáveis; e a oportunidade de se conectar com WoMin como parceiro do projecto. As mulheres estavam entusiasmadas para que WoMin testemunhasse as suas histórias.



Resilience



## Indo além: A terceira sessão de cinco dias

**Felizes por estarem juntas novamente, a CSU e a WoMin foram saudadas por um grupo sociável e engajado na terceira sessão, um mês depois. Os temores haviam mudado - não houve consequências negativas para elas ou para a CSU, e a promessa da terceira sessão foi cumprida.**

Como uma conselheira descreveu, esta era a hora de entrar no “Nitty gritty” (cerne da questão): o grupo não precisava de aquecimento, nem de criar confiança - elas estavam lá e prontas para trabalhar e comemorar. A abordagem positiva das mulheres refletiu-se na sua avaliação clínica: apenas uma mulher teve pontuações de níveis de sofrimento clinicamente significativos no rastreamento psicológico. Ela recebeu apoio psicológico individualizado.

Ao rever a sessão anterior, as mulheres puderam lembrar todas as sessões, com foco particular nos aspectos jurídicos do programa. As mulheres escolheram os pontos relevantes para elas - aquelas que tinham interesse em praticar a mineração entenderam que deveriam registar-se; aquelas que foram reassentadas reconheceram que tinham direitos; e todas as mulheres entenderam que as empresas de mineração devem consultar as comunidades para receber o seu consentimento antes do início da mineração.

### Autodefesa, habilidades de aconselhamento, vias de encaminhamento e autocuidado

A equipa da CSU baseou-se na sessão anterior e nos interesses que as mulheres expressaram ali. As mulheres levantaram a necessidade de autodefesa básica. Consequentemente, foi realizado um seminário de autodefesa para desenvolver técnicas básicas de protecção. O foco estava em táticas para desabilitar o agressor para criar tempo suficiente para escapar em segurança, utilizando técnicas de judo e karaté.

A fisicalidade da sessão tornou-a divertida e agradável, embora uma mulher tenha decidido ficar de fora, pois isso despoletou a sua própria história de violência. As conselheiras estavam lá para apoiá-la nesse momento.

As mulheres começaram a assumir papéis de transmissoras de conhecimentos e a apoiar outras mulheres nas suas comunidades. Para ajudá-las nessas novas funções, foi realizado um dia de formação em habilidades básicas de aconselhamento. O objectivo era auxiliar as mulheres nas habilidades de expressão oral e de negociação; ajudá-las a identificar outras mulheres necessitadas; e partilhar informações para que pudessem encaminhar as mulheres aos provedores de serviços relevantes. Isso fez com que as mulheres fechassem o círculo completo, desde aprender a reconhecer o trauma em si mesmas até ao poder de reconhecer o trauma em outras pessoas e de responder quando alguém está a apresentar comportamentos suicidas ou foi abusado sexualmente. As sessões visavam desenvolver habilidades úteis, básicas e relevantes para a comunidade que pudessem ser empregues para comunicação e

referências. As conselheiras advertiram que esta sessão não tornou as mulheres conselheiras qualificadas, mas sim equipou-as para identificar mulheres que precisem de ajuda e permitiu-lhes serem capazes de encaminhá-las a prováveis fontes de ajuda.

As mulheres falaram sobre as muitas outras mulheres que foram vítimas, mas não sabem realmente onde obter ajuda ou a quem recorrer. Para resolver isso, as mulheres foram incentivadas a desempenhar um papel activo contínuo no reconhecimento e resposta às necessidades de aconselhamento e às violações dos direitos humanos de forma mais ampla. As mulheres foram lembradas das apresentações de facilitadores externos na segunda sessão sobre serviços jurídicos, médicos e de assistência. Elas passaram pelas de vias de encaminhamento - como encaminhar outras pessoas para atendimento da CSU, como encaminhar para atendimento jurídico e para atendimento após agressão sexual. Além disso, as mulheres foram informadas de que, quando observaram violações de direitos humanos relacionadas à mineração, havia opções, como centrais de atendimento, para reportar essas violações. Elas foram informadas sobre como registar as informações (reconhecendo a segurança como fundamental) e como se comunicar com os coordenadores voluntários da comunidade ou com a CSU, caso não fossem capazes de negociar essas vias de encaminhamento.

Habilidades de aconselhamento e aprendizado de referência foram acompanhados de sessões de autocuidado. Além de aprender a reconhecer as fontes de stress, cada mulher elaborou mecanismos de sobrevivência saudáveis e um plano de autocuidado, focado nas actividades de cuidado que são possíveis no seu ambiente, incluindo aspectos físicos, psicológicos, espirituais e sociais das suas vidas.

## Mulheres numa sociedade patriarcal no Zimbabwe e em outras partes da África

É importante ressaltar que a terceira sessão apresentou a WoMin às mulheres e fez uma contextualização mais abrangente do projecto – como um projecto que falava dos impactos em toda a África, enfatizando que as vozes das mulheres em torno da mineração e seus impactos são importantes. As mulheres já estavam a entender que as violações contra elas são culpa do perpetrador - que a transgressão não anula os seus direitos, que a violação é sempre culpa do perpetrador.

Das suas próprias visões de si mesmas, as mulheres foram apresentadas a ideias que explicam a forma como aprenderam o seu lugar como mulheres numa sociedade patriarcal. As mulheres fizeram um exercício de compreensão acerca de quando se aperceberam que eram raparigas. As mulheres foram treinadas desde cedo para desempenhar papéis de género estereotipados. Elas foram ensinadas pelas suas mães a assumir todo o trabalho doméstico dos pais e irmãos. Elas foram ensinadas a comportar-se de forma mais conservadora em ambientes sociais. As igrejas e escolas reforçaram as diferenças de género. Essa compreensão foi poderosa - é o elo entre a experiência pessoal e a política. As mulheres entenderam que

existe todo um sistema em vigor, que também se desenvolve por meio das suas interações com a indústria de mineração.

A WoMin exibiu o seu filme “Women Hold Up the Sky” [As Mulheres Seguram o Céu], que mostra as experiências de mulheres afectadas pelas indústrias extractivas no Uganda (petróleo), RDC (megabarragem hidroelétrica) e África do Sul (mineração de carvão). As mulheres viram que os problemas que enfrentavam no Zimbabwe foram vividos por outras mulheres em África. Esses problemas comuns incluíam o reassentamento e os problemas relacionados à perda de propriedades e reenterro de entes queridos; realocação para áreas sem infraestrutura, escolas ou hospitais; realocação sem compensação; perda de renda de pesca e terras aráveis; poluição; rios a secarem; perda de gado; doenças e enfermidades; violência sexual; e mulheres locais que não se beneficiam de tais operações.

O filme também mostrou como as mulheres se mobilizaram para reivindicar os seus direitos junto ao governo, como formaram movimentos de resistência para impedir as actividades de mineração e como se fizeram ouvir com o apoio de organizações de direitos humanos. As participantes sentiram-se fortalecidas. Pela primeira vez, elas entenderam que poderiam contribuir com formas de fazerem as suas vozes serem ouvidas pelo governo, formuladores de políticas e organizações da sociedade civil. As mulheres puderam começar a pensar em si mesmas nas suas próprias comunidades - e nas formas com que poderiam implementar o que aprenderam nos seminários. Planos para mobilizar e partilhar novas informações e conhecimentos foram desenvolvidos, e as mulheres expressaram esperança de que a CSU e a WoMin as visitassem nas suas comunidades para apreciar mais de perto que elas estão a enfrentar e informar as intervenções.

As mulheres contaram as suas histórias em grupos por meio de dramas, canções e poesia. Elas demonstraram que foram capazes de aplicar o que aprenderam sobre os direitos e conheceram os intervenientes nas suas comunidades que fizeram parte da sua história e dos seus desafios. Os intervenientes incluíam mulheres nas comunidades, chefes, empresas de mineração, funcionários do governo e polícia.

### Grupos de apoio de pares e projectos de geração de renda local

Os grupos de apoio ao nível comunitário serviram o propósito de manter as membros do grupo em contacto regular e oferecer apoio social e emocional. No entanto, os projectos de meios de subsistência não correram bem. Isso deveu-se principalmente a questões fora do controle das mulheres e relacionadas ao contexto político mais amplo e, particularmente, aos impactos da mineração. A extração, o roubo e a prospecção de ouro aluvial haviam destruído as hortas. O colapso da economia aumentou os custos de compra de bens para revenda e reduziu o número de pessoas capazes de comprar os bens e serviços oferecidos pelos grupos. Os custos de transporte inibiram viagens para vendas. As preocupações com a segurança prejudicaram a venda de mercadorias aos mineiros artesanais.



*“Um extenso projecto de horta foi invadido por garimpeiros e destruído a todos os níveis - vegetais foram roubados, postes de madeira foram usados como lenha, a terra foi escavada para procurar ouro e a área foi deixada sem segurança para o gado comer os vegetais restantes. As mulheres estavam a tentar salvar as suas perdas transportando o solo escavado para outro local seguro para peneirar o ouro - forçando-as a voltar a trabalhar para o sector de mineração.”*

**Experiência contada por uma participante do programa**

A maioria dos grupos achava que os projectos de galinhas seriam a opção mais benéfica - as necessidades de água e terra eram menores; sempre houve um mercado, mesmo com o aperto da economia; e as galinhas podem ser contidas se estiverem em propriedades rurais. As mulheres que iniciaram projectos de frangos relataram pequenos sucessos e este foi certamente um factor motivador. Projectos de frango foram considerados pela CSU e pela WoMin e foram incentivados com informações de organização especializada no empoderamento de mulheres rurais, que organizou formações em criação de galinhas.

A WoMin concordou em apoiar um projecto de frangos que forneceria 900 pintos de frango, ração para galinhas e vacinas. Houve grande entusiasmo com a oportunidade e as mulheres começaram a planear como conduziriam os seus próprios projectos, incluindo soluções caseiras para materiais caros de transporte de aves e recipientes de alimentação.

Para este grupo de mulheres, houve necessidade de oferecer uma alternativa à mineração ilegal. Sem outro meio de vida, as mulheres teriam de se arriscar a ser traumatizadas novamente e, conseqüentemente, perder muitos dos ganhos do programa se fossem forçadas a retornar à mineração ilegal. Também houve grande benefício nas redes contínuas de apoio entre as próprias mulheres.

## Celebração

Foram vários os aspectos comemorativos desta sessão que foram valorizados e apreciados. Os certificados de participação foram atribuídos em cerimónia, onde cada mulher foi nomeada e aplaudida pelo grupo. As mulheres faziam cartões umas para as outras - cada mulher escreveu em cada cartão algumas palavras sobre o que aquela pessoa havia trazido para o grupo. No final, as mulheres puderam pegar seus cartões e disseram que ficaram maravilhadas com o que as outras mulheres pensavam delas, e que essas não eram coisas que elas pensaram ter trazido. Além de construir a solidariedade, foi uma forma de valorizar cada pessoa e resultou no aumento da autoestima.

*“O meu coração comoveu-se com o reconhecimento e o amor que elas deram umas às outras.”*

**Membro da equipa WoMin**



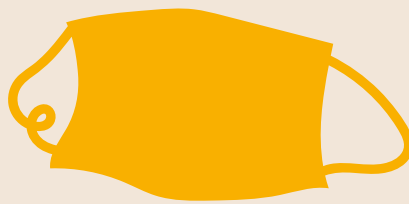
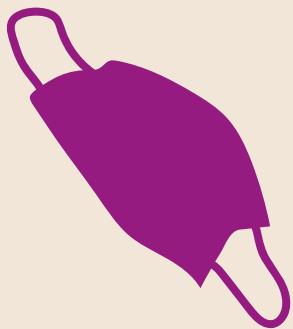
## Um passo à frente: histórias pós-seminário e o impacto da COVID-19

**A terceira sessão foi desenvolvida para ligar as mulheres à próxima fase do trabalho - expandir para as suas próprias comunidades e buscar formas de se expressar. No entanto, esses planos tiveram de ser abandonados, pois apenas seis meses após o fim do programa, o Zimbabwe entrou num confinamento [lockdown] devido a COVID-19.**

O confinamento teve impactos tanto no programa quanto nas mulheres participantes. Como programa, não pudemos reunir as mulheres para partilhar como elas estavam a aplicar o conhecimento, as habilidades e os recursos que adquiriram. Planos para criar trabalhos com missangas que representassem as suas histórias ou para encontrar outra forma de contar histórias foram por água abaixo. O trabalho de advocacia previsto para o grupo não pôde ser implementado.

As conselheiras da CSU fizeram telefonemas de acompanhamento as participantes, oferecendo serviços limitados, principalmente aconselhamento por telefone. As mulheres relataram que mantiveram muitos dos ganhos do projecto - elas ainda se lembravam de conhecimentos relevantes, elas mantiveram contacto com outras pessoas que participaram das sessões e estavam a usar as estratégias e habilidades ensinadas.

Por meio dessas ligações, as conselheiras queriam mostrar às mulheres que continuavam interessadas no seu bem-estar. No entanto, as conselheiras também estavam cientes de que as chamadas na ausência de apoio contínuo eram desanimadoras tanto para elas quanto para as mulheres. Embora as mulheres expressassem gratidão por essas chamadas de acompanhamento, ficamos presas numa espécie de “padrão de espera” até que as condições melhorassem para desenvolver a próxima fase.



Todas as mulheres disseram que a vida estava a tornar-se cada vez mais difícil sob as condições da COVID-19. A economia continuava a piorar e as suas comunidades rurais não eram poupadas. Em relação ao projecto do frango, os resultados foram mistos. Enquanto a maioria dos grupos conseguiu continuar com os seus projectos, os pintos de um grupo contraíram uma doença e todos morreram. Este grupo teve, portanto, um prejuízo, que incluiu recursos próprios que tiveram que investir no desenvolvimento do projecto.

Todas as mulheres deixaram bem claro que a mineração só trouxe efeitos negativos para as suas comunidades e que a degradação ambiental, a privação social e o assédio continuam. Para aquelas que vivem em comunidades próximas de minas, as explosões e os seus impactos subsequentes estiveram sempre presentes. Numa área, houve retracções em massa. Outras mulheres disseram que já não praticavam mineração, ou estavam a acatar as restrições do confinamento, portanto, não tinham contacto com mineiros ou forças de segurança. Algumas mulheres disseram que os mineiros estavam a comprar galinhas ou vegetais delas e que isso era uma fonte de renda.

No momento da conclusão do projecto, a CSU e a WoMin desenvolveram e confirmaram um programa para reunir as mulheres novamente e prosseguir conforme previamente decidido pelo grupo. Este relatório é publicado na esperança de que o próximo capítulo comece em breve.



**As mulheres também carregam um fardo extra nos casos em que os seus filhos são afectados e nos casos em que elas são responsáveis por membros da família que precisam de mais cuidados**





# CAPÍTULO 2:

## O que foi aprendido?



### O que foi aprendido sobre Violência Contra as Mulheres na Mineração?

**As histórias das 18 mulheres que participaram deste programa explicam a variedade de formas pelas quais as mulheres interagem com a indústria de mineração.<sup>3</sup> As mulheres no programa foram afectadas como mineiras ilegais de modos diferentes, como residentes em aldeias próximas às minas e como membros de comunidades deslocadas pela mineração.**

Muitas mulheres foram impactadas em várias categorias. As mulheres também carregam um fardo extra nos casos em que os seus filhos são afectados e nos casos em que elas são responsáveis por membros da família que precisam de mais cuidados (por exemplo, por causa do HIV/SIDA, actos de violência ou pela falta de acesso a cuidados de saúde).

Os impactos sobre as mulheres incluíram a negação dos seus direitos fundamentais, incluindo segurança, liberdade de movimento, água, assistência médica e outros serviços básicos. As mulheres enfrentaram discriminação por empresas de mineração e mineiros, por chefes e autoridades locais e por outros membros da família.

As comunidades enfrentaram a desintegração social devido ao aumento de problemas sociais, incluindo uniões/gravidezes precoces, trabalho sexual, abuso de álcool e drogas, disseminação do HIV, abandono escolar e perda de modos de vida tradicionais.

A maioria das mulheres não tem conhecimento dos seus direitos relacionados à mineração. Quando os direitos são violados, não denunciam por falta de conhecimento, porque os responsáveis pela aplicação da lei são os perpetradores ou porque temem ser novamente vitimizadas.

O Zimbabwe é uma sociedade patriarcal onde as mulheres são cidadãs de segunda classe, raramente envolvidas ou consideradas nas principais políticas que afectam as suas vidas ou meios de subsistência. A maioria das mulheres aceita a sua posição na sociedade, pois ela foi consolidada desde a infância. A maioria das mulheres vê-se como servidora da sua família e da sociedade. O acesso reduzido à educação para mulheres e raparigas reforça os outros riscos: as mulheres têm menos probabilidade de ter conhecimento sobre os seus direitos e menos chances de ter alternativas de emprego.

*3 Note that the stories shared by the women included both their own stories, and what they had knowledge of from the experiences of other women around them.*

## 2. O QUE FOI APRENDIDO?

### Mulheres a trabalhar na mineração

Em algumas áreas, as mulheres trabalham para empresas de mineração legalmente ou trabalham como mineiras artesanais legalmente (com reivindicações e licenças) ou ilegalmente (trabalhando sem reivindicações ou entrando em áreas restritas). A pobreza, fome, doença e desemprego forçam as mulheres a envolver-se em actividades de mineração perigosas para cuidar das suas famílias. As secas também forçaram as mulheres a abandonar a agricultura de subsistência e a entrar na mineração ilegal.

As mineiras ilegais vão para os campos minados à noite ou em viagens de vários dias para a área de mineração. As distâncias são longas, o trabalho é fisicamente cansativo e há o risco de agressões por seguranças de minas ou soldados. Se apanhadas, as mulheres são abusadas sexualmente (violadas, acariciadas e forçadas a expor partes privadas do corpo), elas sofrem por ferimentos de bala, mordidas de cão, agressões físicas com socos, botas e armas, ou são colocadas em “centros de detenção” dentro das áreas de mineração - que são gaiolas expostas sem telhado. Homens e mulheres são detidos juntos e devem pagar uma “fiança” ou são mantidos sem comida por dias. Actos degradantes incluem ser forçada a ficar em pé de cabeça para baixo ou sentar-se em fileiras com as pernas ao redor da pessoa à sua frente (incluindo ser forçada a colocar as pernas em volta dos mineiros). Mulheres detidas ou assediadas por soldados relataram ter sido humilhadas por terem de dar pinos enquanto vestiam uma saia, terem os seus corpos acariciados, serem forçadas a despir-se e serem coagidas ou forçadas a fazer sexo como uma “multa”. Mulheres relataram andar sempre com preservativos para o caso de serem forçadas a fazer sexo.

As mulheres competem com os homens que exploram as minas legal e ilegalmente. Mineiros do sexo masculino contratam bandidos para intimidar as mulheres nas suas reivindicações, e há um medo constante de violação e outras formas de violência entre as mulheres. Apenas os filiados ao partido político no poder podem trabalhar para empresas de mineração, e é ainda mais difícil para as mulheres conseguir empregos. Também existem riscos de deixar a família em casa - as raparigas que ficaram em casa foram sujeitas a abusos sexuais por homens que sabem que os seus guardiões estão ausentes. Se as mulheres são suspeitas de mineração ilegal, as suas casas são invadidas por soldados e forças de segurança sem mandado. Assaltos, assédio, ameaças e roubo são os resultados habituais.

### Mulheres em comunidades próximas às minas

Para as mulheres que vivem próximo de uma mina, há muitos impactos na saúde e no bem-estar, e isso pode resultar numa resposta traumática. Na maioria das vezes, são as empresas de mineração formais que causam consequências negativas para as mulheres da comunidade local.

Mulheres em algumas áreas relataram explosões constantes, mesmo durante a noite. Essas explosões quebram casas, perturbam o sono e causam stress constante. As fontes de água

ficam poluídas ou são desviadas para uso na mineração. Em algumas comunidades, as fontes de água são vedadas para que os moradores não possam mais acessar a fonte de água da qual dependem e sejam forçados a pagar subornos para ter acesso. O ar fica empoeirado e as mães temem pela saúde dos seus filhos, pois veem um aumento nas doenças e nos problemas respiratórios.

Cemitérios são realocados e isso significa que os corpos de entes queridos são exumados, geralmente sem referência aos ritos tradicionais. Embora as empresas de mineração prometam assistência e compensação por esse evento já traumático, isso raramente é cumprido.

Algumas mulheres que vivem nessas comunidades, ou que migram para essas comunidades, vendem bebidas e vegetais para os mineiros. Essas pequenas comerciantes também são, às vezes, agredidas, detidas e assediadas pelas forças de segurança. Elas vivem o mesmo tratamento desumanizador e o mesmo medo de violação e agressão sexual. As mulheres migrantes enfrentam riscos adicionais por não terem nenhum lugar seguro para ficar.

### **Mulheres em comunidades deslocadas pela mineração**

Comunidades inteiras foram reassentadas à força para locais remotos onde não há estabelecimentos, escolas, transporte, infraestrutura e terras para pastagens. Às vezes, essas comunidades enfrentam violência física. A perda de casas, modos de vida e meios de subsistência é profunda.

Na maioria dos casos, as comunidades não são consultadas e não recebem aviso prévio de reassentamento. Caminhões basculantes enormes chegam e os membros da comunidade são instruídos a entrar com tudo o que possuem – o seu gado, móveis, filhos e todos os seus pertences. Qualquer coisa deixada para trás é destruída. Alguns animais morrem ou as suas pernas quebram por viajar em caminhões basculantes. Móveis pesados demais para serem movidos são deixados para trás.

Em muitos casos, a mudança é para casas abaixo do padrão, sem fundações sólidas, com paredes frágeis e canalização precária. As casas são alocadas uma por família e aos homens como chefes de família. Em alguns casos, até 20 pessoas são colocadas numa casa de quatro cômodos. Quando há mais de um homem adulto numa família, há conflitos familiares, com cada homem adulto reivindicando a casa para si, sua esposa e seus filhos.

Para algumas famílias, a mudança também significa a perda de propriedade da terra. A propriedade da terra deu às famílias algum poder e, por meio de direitos secundários à terra, as mulheres também possuíam direitos básicos. Esse poder foi perdido quando as famílias foram forçadas a mudar-se. Elas perderam os seus direitos porque foram forçadas a ceder as suas terras e foram transferidas para terras sob a confiança do Estado.

## 2. O QUE FOI APRENDIDO?



### O que foi aprendido sobre as mulheres, a mineração e o trauma?

**Todas as mulheres neste grupo tiveram uma resposta traumática. Para algumas, isso foi devido a um único acto, como uma agressão sexual ou ver o corpo de um ente querido ser desenterrado sem dignidade ou ter os seus bens destruídos. O trauma também era cumulativo, como viver com medo constante de soldados ou sofrer explosões contínuas durante o dia e a noite. A maioria das mulheres passou por múltiplos traumas.**

Não existe uma maneira única de expressar o trauma - cada pessoa pode vivenciar o trauma e os seus impactos de forma diferente. No entanto, o grupo reconheceu-se como traumatizado - elas costumavam usar as palavras trauma e traumatizada (na sua língua) para descrever o que elas passaram em relação às suas interações com a indústria de mineração. Para esse grupo, a experiência de ser traumatizada não poderia ser separada da experiência de ser mulher. Para muitas mulheres, as experiências que tiveram por causa da indústria de mineração e do preconceito do governo reflectiram as suas experiências nas suas famílias ou comunidades, onde aqueles que deveriam ser protectores eram, em vez disso, perpetradores ou cúmplices da violência.

***“Uma mulher estava a pensar em suicídio porque pensou “Eu não vou a lugar nenhum: a violência, não há renda para as crianças, o fardo é demais para mim.”***

***Citação de uma conselheira***

As mulheres relataram que se sentiam isoladas e sozinhas e que não havia ninguém para as ouvir. Esses sentimentos foram exacerbados quando as mulheres tentaram obter ajuda da polícia ou dos chefes das aldeias e foram rejeitadas.

A impotência era um tema trazido por todas as mulheres - em relação aos homens, forças de segurança, grandes empresas estrangeiras e o seu próprio governo.

O medo era a norma para a maioria - especialmente para aquelas com interações mais directas com a mineração que viviam com um medo constante de serem violadas por membros das forças de segurança ou outros mineiros.

Além de contar com as descrições das mulheres, havia uma ferramenta de triagem validada localmente que identificou sintomas comuns ao trauma e à depressão. Pessoas que tiveram experiências traumáticas não só têm maior probabilidade de apresentar sintomas de trauma, mas também têm maior probabilidade de apresentar todos os tipos de doenças mentais, especialmente a depressão. Algumas mulheres tinham pensamentos suicidas e o desespero era implacável, especialmente para aquelas que foram realocadas e simplesmente não tinham nada para fazer - nenhum campo para trabalhar, nenhuma casa para manter e nenhuma actividade ou escola para os seus filhos estruturarem os seus dias.

***“As mulheres ficaram traumatizadas - não tinham onde denunciar e haviam sofrido todas as formas de violação sem obter justiça”.***

***Citação de uma conselheira***

As mães expressaram ansiedade em relação aos filhos - temiam pela segurança dos filhos e pelo seu futuro, devido à perda de acesso à escola, à terra e meios de subsistência.

A equipa de aconselhamento observou que aquelas que interagiram com soldados ou tiveram que exumar corpos de entes queridos tinham os níveis mais altos de angústia. O trauma das exumações não foi tanto o resultado de ver os corpos, mas que os corpos foram exumados sem os ritos tradicionais. Isso criou preocupações de que os seus entes queridos falecidos não estivessem mais em paz.

A equipa de aconselhamento observou que todas as mulheres viviam com traumas e sintomas de trauma em curso. Esse era um grupo de mulheres que vivia com medo, risco e perda todos os dias e provavelmente teria que continuar a conviver com isso muito além da duração do programa de grupo. Viver com traumas havia se tornado a norma para este grupo e havia uma aceitação de que essa era a vida delas.

Com essa aceitação, vieram também habilidades extraordinárias de sobrevivência e resiliência. As mulheres adoptaram várias habilidades de sobrevivência, desde uma mulher que contratou uma pequena equipa de especialistas em karaté para proteger a sua reivindicação, até outras que engoliram pepitas minerais para evitar o confisco. Outras mulheres eram confiadas, como as vizinhas recrutadas para cuidar das crianças para que as mulheres pudessem passar vários dias de cada vez nos campos de mineração e as mulheres que se apoiavam em processos de luto e perda.





## O que foi aprendido com o programa?

**Este programa foi uma experiência nova para todos. Embora o programa fosse baseado no SOSA, um programa já estabelecido da CSU, havia um novo conjunto de traumas a serem entendidos. Para a equipa da WoMin, foi novo trabalhar com uma abordagem de cura e tratamento de traumas. Para as próprias mulheres, foi a primeira oportunidade de se reunir e participar de tal programa.**

Os aprendizados para as conselheiras foram muitos e multifacetados. Em comparação com sobreviventes de violência, as experiências deste grupo de mulheres foram muitas e variadas. Como mulheres de áreas rurais todas elas haviam sofrido traumas de várias formas. Havia ligações com a mineração, deslocamento comunitário, degradação ambiental e danos às suas casas.

Embora as experiências fossem diferentes, todas estavam imersas na natureza patriarcal da sociedade, das suas famílias e da indústria de mineração.

O que foi fundamental para a equipa de aconselhamento, foi obter uma compreensão da dinâmica do grupo e das necessidades individuais das mulheres. Esse entendimento ajudou no seu trabalho com as mulheres e será útil na conceptualização de programas futuros.

Aconselhamento e sessões de seminário ajudaram as mulheres a lidar com e controlar sentimentos negativos. Foi poderoso ouvir as mulheres a descreverem como estavam a sentir-se bem melhor e ouvir os impactos positivos do programa nas suas vidas, mesmo quando os desafios externos persistem.

O nível de revelações no grupo foi uma grande força, ao mesmo tempo que desafiou os membros do grupo e conselheiras. A intensidade das partilhas múltiplas e variadas significava que as conselheiras deveriam estar muito atentas e receptivas às mulheres que eram afectadas pelas revelações de outras pessoas.

Folhetos sobre os tópicos abordados nas apresentações, principalmente na língua materna, foram valorizadas e distribuídas nas comunidades. Muitas mulheres não tinham tido acesso aos cuidados médicos e aconselhamento jurídico anteriormente e nem mesmo consideravam esses direitos como direitos os quais elas fossem intituladas. O atendimento médico e o aconselhamento jurídico passaram a fazer parte de todo o pacote de atendimento desenvolvido com base no feedback das mulheres.

A possibilidade de levar para casa peças de joalheria que elas criaram foi um lembrete do grupo e das discussões que tiveram num ambiente seguro. As mulheres gostariam de dedicar-se ao artesanato para fins comerciais, mas não conseguiram comprar os materiais necessários. Uma mudança para materiais locais (reduzindo a qualidade, mas aumentando a disponibilidade) ou um “pacote inicial” de materiais artesanais podem ser considerados no futuro.

No geral, houve um equilíbrio entre as contribuições materiais e não materiais. As partes mais memoráveis do programa, mais centrais nas mudanças que elas experimentaram, variaram para

cada mulher. Para algumas, foram as habilidades que aprenderam na terapia artesanal e poesia, para outras foram informações sobre os direitos legais, segurança e vias de encaminhamento, e para outras foram as sessões de aconselhamento pessoal e relacionamentos no grupo de apoio.

A interação com a WoMin também foi muito importante. Esse contacto, assim como o filme e as discussões políticas mais amplas na terceira sessão, colocaram o programa num contexto mais amplo e desafiaram ainda mais os temores iniciais das mulheres de estarem sozinhas nas suas experiências.

Uma lição prática aprendida foi que as mulheres precisam de compensação para o sustento ou dias de trabalho perdidos quando participam de uma sessão de cinco dias. O apoio aos custos de comunicação também é essencial para que os participantes possam manter contacto com os seus familiares.

O projecto do frango foi muito apreciado, assim como a distribuição de embalagens de alimentos, como forma de compensação pela perda de meios de subsistência. Estes deveriam ter sido introduzidos no início do programa, e não na sessão final, quando havia menos oportunidade de desenvolver habilidades ou identificar necessidades adicionais para o desenvolvimento bem-sucedido do projecto.

Embora o programa tenha tido muitos sucessos, as melhorias poderiam incluir visitas pré e pós às comunidades, particularmente por parte das conselheiras. Essas visitas podem ajudar a desenvolver a confiança das mulheres antes do programa, esclarecer o conteúdo mais benéfico e permitir uma abordagem mais estratégica em torno dos projectos de meios de subsistência e as próximas etapas previstas.



**É um processo terapêutico e partilhar  
histórias com outras mulheres faz-te  
perceber que não estás sozinha**





# CAPÍTULO 3:

## Algumas conclusões - o que gostaríamos que os outros soubessem

---

Cada uma das mulheres no programa deu feedback sugerindo que a WoMin deveria fornecer mais programas deste tipo, tanto no Zimbabwe quanto em outros lugares onde as mulheres são afectadas pela mineração. Elas deixaram claro que as mulheres deveriam ser ajudadas, primeiro com conhecimento e depois com projectos de start-up. As mulheres foram questionadas sobre o que gostariam de dizer a outras mulheres em África sobre o programa e algumas das suas mensagens foram:



*“É um processo terapêutico e partilhar histórias com outras mulheres faz-te perceber que não estás sozinha”.*



*“Aprendi a ser independente e que não estou sozinha nisto. Os problemas que temos nas áreas de mineração não são novos e podem ser geridos”.*



*“Participa deste programa com a mente aberta. Ele fortalece-te como mulher. Às vezes, somos aproveitadas nas nossas comunidades porque não conhecemos os nossos direitos.”*



*“Este programa fortaleceu-me como mulher; aprendi a sustentar a mim e aos meus filhos. Agora sei onde denunciar, caso enfrente qualquer forma de violação”.*



*“Este programa é esclarecedor. Antes das sessões, eu estava sempre stressada, mas as sessões de aconselhamento ajudaram-me a seguir em frente com a minha vida”.*



*“Este programa irá capacitar-te como mulher. Aprenderás a viver em paz com os outros membros da comunidade e, acima de tudo, encontrarás paz dentro de ti.”*

Foi necessária uma série de profissionais e organizações a trabalhar em colaboração para cobrir as áreas de aconselhamento, saúde, jurídica, segurança, vias de encaminhamento e meios de subsistência, e para construir uma compreensão do “quadro geral”. Embora este modelo holístico tenha sido útil para este grupo, um foco mais específico em algumas dessas áreas poderia ser considerado em trabalhos futuros.

A flexibilidade foi muito importante ao longo do programa. Como resumiu uma conselheira, “Na primeira sessão, sabíamos que o programa tinha que mudar, mas não estava tudo certo e alinhado – para várias questões levantadas dizíamos: “não agora”. Isso não foi inesperado, visto que este foi o primeiro grupo.”

O trabalho futuro deve ser enquadrado tanto numa abordagem sensível ao trauma quanto numa abordagem feminista centrada na mulher. O espaço seguro criado pelo programa é vital para as mulheres encontrarem e nutrirem tanto a sua identidade individual quanto a sua identidade colectiva como mulheres com experiências partilhadas.

As mulheres precisam de informação e conhecimento para tomar decisões por si mesmas. Elas precisam saber como lidar com os riscos físicos e emocionais que provavelmente encontrarão ao envolver-se em acções contra indivíduos ou empresas que abusam dos seus direitos.

Um tema que funcionou durante todo o programa e ajudou a molda-lo foi a narração de histórias. Culturalmente familiares e valorizadas, as histórias foram contadas ao longo das sessões e tornaram-se parte da grande história da repressão pelos homens e pela mineração. Foi por meio das histórias que as conselheiras identificaram as necessidades a serem atendidas nas sessões subsequentes. Em cada sessão, à medida que as mulheres se sentiam mais seguras umas com as outras e com as conselheiras, houve uma partilha mais profundo de histórias. Enquanto as mulheres do grupo ouviam as histórias, elas eram capazes de se rever e dar testemunho. A narração de histórias leva-nos à próxima fase do trabalho: onde as mulheres que participaram desse programa de trauma contarão as suas próprias histórias, inclusive por meio de trabalhos com missangas, e considerarão o que a justiça significa para elas individual e colectivamente. Este trabalho será enriquecido e apoiado por uma exploração mais profunda das oportunidades e riscos envolvidos na busca por justiça para as mulheres. A pesquisa sobre as opções de justiça, para informar as escolhas das mulheres, já foi iniciada. A CSU, a WoMin e um parceiro de longa data, o Centro de Governança de Recursos Naturais (CNRG), também no Zimbabwe, trabalharão com as mulheres para mantê-las e apoiá-las na próxima etapa da sua jornada rumo aos seus direitos e à justiça!





womin

